

TECENDO MEMÓRIAS AFETIVAS A PARTIR DO ENVOLVIMENTO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UM RELATO DE PIBIDIANAS

Thamiris Nascimento de Oliveira ¹
Brena Kelly Bernardino Barbosa ²
Taleesa de Souza Holanda ³
Anna Catarine Amaral ⁴
Tânia Serra Azul Machado Bezerra ⁵

RESUMO

Este relato apresenta uma experiência de práticas pedagógicas alfabetizadoras sob a perspectiva dos multiletramentos desenvolvidas na Educação Infantil. A proposta integra-se ao projeto de intervenção “Ocupa Ateliê”, elaborado por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) vinculados ao Núcleo de Alfabetização da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Tal projeto visa atender a necessidade de reviver vínculos afetivos e escolares por meio da imersão em um ambiente de multiletramentos. A pesquisa foi realizada em um Centro de Educação Infantil localizado em um bairro periférico da Regional I de Fortaleza, Ceará. Objetiva compreender como a participação da família contribui com o processo de alfabetização das crianças. De abordagem qualitativa, o relato de experiência foi feito com base em observações da rotina escolar, regências e práticas pedagógicas. Assim, como técnicas de pesquisa de campo, usou-se as anotações nos diários de campo e registros por meios de fotos e vídeos para coleta de dados. Dentre as práticas desenvolvidas, houve a realização de um Teatro de Sombras com a contação da história infantil *Drufs*, de Eva Furnari, seguida pela construção de uma colcha artística feita de retalhos em conjunto entre crianças e famílias. A mediação ocorreu durante a programação do Dia da Família, ressaltando o diálogo com os multiletramentos que valorizam as diversas formas de expressão. Para análise e relato crítico-reflexivo sobre as práticas de alfabetização e multiletramentos entrelaçadas com as contribuições da participação das famílias, recorremos à estudiosos como Ferreiro (2011), Soares (2020), Rojo (2012), Sousa e Filho (2008) e Oliveira (2022). Os resultados evidenciam que a participação das famílias no cotidiano escolar potencializa o processo de alfabetização, pois cria um ambiente de estímulo, afeto e valorização da leitura e da escrita, bem como as demais expressões multimodais.

Palavras-chave: Alfabetização, Multiletramentos, PIBID, Família, Educação Infantil.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE, thamiris.oliveira@aluno.uece.br;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE, brena.barbosa@aluno.uece.br;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE, taleesa.souza@aluno.uece.br;

⁴ Professora da Rede Municipal de Fortaleza/CE, Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC, anna.amara1583@gmail.com;

⁵ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC, Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará – UECE, tania.azul@uece.br.

INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização representa uma etapa essencial na formação da criança, pois envolve não apenas o domínio da leitura e da escrita, mas também a construção de sentidos, valores e vínculos afetivos; compreendidos a partir das interações sociais e afetivas estabelecidas entre escola, família e comunidade (Sousa; Filho, 2008; Vygotsky, 1988). A alfabetização, portanto, ultrapassa o campo técnico do aprendizado e se insere na dimensão humana, social e cultural, constituindo-se como um processo de formação integral do sujeito (Sousa; Filho, 2008).

A escolha do tema destacado acima, surgiu da percepção de que a aprendizagem se torna mais potente quando escola e família se reconhecem como parceiras. Em muitas situações observadas, notou-se que o envolvimento familiar contribuiu para o avanço na leitura e na escrita; mas, sobretudo, para o fortalecimento do vínculo afetivo das crianças com o espaço escolar, aspecto indispensável para a formação de leitores autônomos e críticos.

O “Ocupa Ateliê” retoma o “Projeto Ateliê”, oferecendo um espaço pedagógico de expressões artísticas e participativas que promove a interação entre escola, família e comunidade, valorizando múltiplas linguagens e incentivando autonomia e criatividade por meio de atividades lúdicas como teatro de sombras e colcha de retalhos. Desenvolvido pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da CAPES, o projeto busca valorizar o magistério e integrar educação superior e básica (CAPES, 2024).

Este estudo dentro do PIBID se deu a partir do subprojeto vinculado ao Centro de Educação (CED) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e possui foco na área da alfabetização; cujo intuito busca inserir os licenciandos em Pedagogia no cotidiano das escolas públicas, nas quais podem aplicar e refletir criticamente sobre as bases teóricas da docência. Tal inserção precoce, orientada por professores supervisores da escola e coordenadores de área, é crucial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que buscam a superação dos desafios no processo de ensino e aprendizagem das crianças.

O nosso relato de experiência objetiva compreender como a participação da família contribui com o processo de alfabetização das crianças, além de tecer memórias sobre experiências realizadas em um projeto de alfabetização que valorizou a presença e a participação da família como parte do processo educativo.

Ao final da experiência, os resultados evidenciaram que a participação das famílias no cotidiano escolar potencializa o processo de alfabetização, pois cria um ambiente de estímulo,

afeto e valorização da leitura e da escrita; bem como das demais expressões multimodais. A participação da família no processo de alfabetização, além de fortalecer os vínculos afetivos, contribui para a valorização da leitura e da escrita, promovendo uma aprendizagem mais significativa e contextualizada (Brasil, 2018).

CAMINHOS METODOLÓGICOS E SIGNIFICATIVOS: DO TEATRO DE SOMBRA À COLCHA DE RETALHOS

Devido à necessidade de compreender como a participação da família contribui com o processo de alfabetização das crianças na Educação Infantil, esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, uma vez que os estudos nesta área lidam com seres humanos e buscam investigar o “[...] mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (Minayo, 2002, p. 22). Além disso, possui caráter exploratório conduzida por meio de um relato de experiência².

Por tratar-se de um relato baseado em uma experiência prática, como métodos investigativos, nossas análises foram feitas em cima de nossas observações e ações realizadas no cotidiano escolar, nas regências e práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto do PIBID de Alfabetização vinculados ao CED/UECE atuantes na Educação Infantil. Assim, como técnicas de pesquisa de campo, adotamos as anotações nos diários de campo e o registro por meio de fotos e vídeos para coleta de dados.

As escolhas metodológicas mencionadas até aqui justificam-se devido à capacidade de potencializar a “[...] produção de conhecimentos das mais variadas temáticas” (Mussi; Flores; Almeida, 2021, p. 63) e, ainda, reafirmar que “[...] o conhecimento humano está interligado ao saber escolarizado e aprendizagens advindas das experiências socioculturais” (Mussi; Flores; Almeida, 2021, p. 63).

A pesquisa contou com a participação, em média, de 35 crianças, com idades entre 1 e 6 anos, e seus familiares/responsáveis. Nossa estudo foi realizado em um Centro de Educação Infantil (CEI) localizado em um dos bairros periféricos da Regional I de Fortaleza, Ceará, que busca atender crianças do Infantil I ao Infantil V desde sua fundação em 2017. Somando-se a isso, a instituição iniciou sua parceria com o PIBID a partir de 2024, contando com a colaboração de oito bolsistas que estudam Pedagogia e pesquisam sobre a alfabetização na infância.

² Entendemos o conceito de experiência como uma vivência que gera conhecimento, reflexões, busca de melhorias de uma prática (Fávero; Doro, 2018).

Como proposta de intervenção para a instituição escolar, em 2025, o grupo de bolsistas do PIBID propôs desenvolver o Ocupa Ateliê com o intuito de reavivar o Projeto Ateliê. Esta ação é um incentivo da Prefeitura de Fortaleza (CE) que promove um entrelaçamento protagonizado pela triangulação de crianças, escola e família. E tem como metas: “[...] potencializar as múltiplas linguagens infantis, legitimar a concepção de criança como protagonista em seu potencial criador e garantir os direitos de aprendizagem” (Prefeitura de Fortaleza, 2020. p.7).

Inspirados nas metas acima, o Ocupa Ateliê e seus projetos pedagógicos se baseiam nos campos de experiência da Educação Infantil e buscam: estimular a autonomia e diálogo entre as crianças; desenvolver propostas que integrem afetos, ludicidade e participação; e estabelecer conexões com a comunidade escolar. Esclarecido isso, a oficina que articula o teatro de sombras e a construção da colcha de retalhos integram-se entre as atividades que dão forma ao projeto “Ocupa Ateliê”.

Para alcançarmos o objetivo central da pesquisa, propusemos e mediamos uma oficina pedagógica envolvendo a participação ativa das crianças e de seus familiares durante a programação da comemoração referente ao “Dia da Família”, evento ocorrido no CEI que atuamos em maio de 2025. Durante a prática pedagógica, realizamos um teatro de sombras (Teatro do PIBID) com a contação da história infantil *Drufs*, de Eva Furnari; seguida pela construção de uma colcha artística feita com retalho em conjunto entre crianças e famílias. A mediação ressaltou um diálogo com os multiletramentos, que valorizam as diversas formas de expressão; a alfabetização, visto que a linguagem escrita foi uma das representações selecionadas pelos participantes para confeccionar os retalhos; e o núcleo familiar.

Em relação ao livro escolhido, *Drufs* contribuiu com o debate sobre as composições familiares na sociedade contemporânea e ressignificou a imagem do que se considera família. Por meio de um enredo divertido, o livro apresenta a história dos pequenos drufs, “[...] seres parecidos com a gente, só que menores. No mundo dos *drufs* também tem escola, professor, aluno e lição de casa” (Furnari, 2016, p. 2).

O desenvolvimento dessa prática pedagógica, que será analisada criticamente ao longo do estudo, proporcionou compreender a estrutura familiar e a importância do envolvimento da família no processo de alfabetização das crianças participantes da nossa pesquisa.

Para análise e relato crítico-reflexivo sobre práticas de alfabetização e multiletramentos entrelaçadas com as contribuições da participação das famílias, recorremos à

estudiosos como Sousa e Filho (2008), Ferreiro (2011), Rojo (2012), Soares (2020) e Oliveira (2022).

TECENDO RETALHOS ENTRE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTOS, MULTILETRAMENTOS E VÍNCULO FAMILIAR

Em 1996, a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei N° 9.394, a Educação Infantil passou a compor a Educação Básica. Como complemento a essa medida, em 2018, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) indicou seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que assegurem as “[...] condições para que as crianças aprendam em situações [...] nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural” (Brasil, 2018, p. 37). Nessa etapa da escolarização, objetiva-se proporcionar para as crianças oportunidades de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se (Brasil, 2018).

Assim, com base na LDB (1996) e na BNCC (2018), documentos basilares da educação brasileira, compreendemos que a alfabetização não é considerada como o objetivo principal da Educação Infantil. Apesar disso, é imprescindível desenvolver oportunidades para a imersão de crianças no universo da escrita, considerando que, desde o nascimento, elas são gradualmente inseridas nessa “[...] cultura letrada ao utilizarem dispositivos móveis, visualizarem embalagens de produto, brincarem de ‘faz de conta’ e frequentarem locais públicos” (Oliveira et al., 2025, p. 9).

Cabe mencionar que alfabetizar, para além da codificação (escrita) e da decodificação (leitura) dos signos da linguagem escrita, também envolve a inserção dos sujeitos em práticas sociais de letramento (Soares, 2020). Em outras palavras, implica o uso das habilidades de ler e escrever nos contextos sociais reais, como redigir um bilhete ou interpretar uma notícia. Quanto à definição de “letramento”, Magda Soares (2020, p. 27) expressa como:

Capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para dar apoio à memória etc.

Alfabetizar e letrar não são ações neutras, ao contrário, são processos que envolvem a transformação social. Aprender a ler e escrever, permite compreender o mundo e “[...] pessoas que sabem ler palavras lendo o mundo haveriam de saber mudar o mundo” (Brandão, 2014, p. 1).

42); ou seja, entender a realidade ao qual estamos inseridos gera luta por mudanças, inclusive desde os primeiros anos de vida.

Na Educação Infantil, as crianças emergem no processo de alfabetização por meio dos desenhos e rabiscos, registrando pensamentos, expressões orais e situações cotidianas. Porém, à medida que relacionam-se com a escrita em diferentes contextos, como o familiar, o cultural e o escolar, “[...] as crianças vão percebendo que escrita não é desenho, são traços, riscos, linhas sinuosas, e, então, passam a “escrever” imitando essas formas arbitrárias” (Soares, 2020, p. 61).

Nesse contexto, o começo da escrita torna-se mais significativo quando parte do nome das crianças. Explorar as letras, sílabas e sons com base em seus nomes próprios constrói uma relação afetiva e íntima entre a linguagem escrita e suas histórias pessoais; e ainda estimula o prazer pela prática da leitura e escrita e gerando pertencimento.

Para exemplificar, imagine uma sala de referência na qual há uma criança chamada “Ana Raiza”. Ao trabalhar-se intencionalmente a consciência fonológica e alfabética, possivelmente, a aluna identificará que a letra e a sílaba iniciais do seu nome são iguais às do nome do seu colega, conhecido por “Rael Levi”. Ambos os nomes iniciam com a letra “R” e a sílaba “Ra”. Dessa forma, após essa correspondência, as crianças passarão a assimilar com outros vocábulos do qual possuam familiaridade.

Em diálogo com o exemplo acima, retomamos a oficina na qual embasamos esse relato de experiência. Durante a construção da colcha de retalhos, observamos que determinadas crianças - em sua maioria do Infantil IV e do Infantil V - conseguem diferenciar os desenhos, números e letras ao assinarem seus nomes sem a ficha de apoio, como o “Dianiel” (Daniel), o “Eitor” (Heitor) e a “Grglb” (Gabriela).

Também, cabe mencionar que os aprendizados das crianças não restringem-se somente à linguagem escrita, já que “[...] a criança é feita de cem. [...] cem linguagens (e, depois, cem, cem, cem), mas roubaram-lhe noventa e nove. A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo” (Malaguzzi apud Edwards; Gandini; Forman, 1999, p. 67). Durante toda escolarização, principalmente na Educação Infantil, é fundamental potencializar as múltiplas linguagens das crianças e proporcionar experiências estéticas que contribuem com o seu desenvolvimento.

Foram essas experiências estéticas que tentamos proporcionar quando realizamos uma encenação de teatro de sombras (“Teatro do PIBID”) com a contação da história infantil “Drufs”, de Eva Furnari. Podemos observar que essa mediação esteve estreitamente integrada aos multiletramentos, de modo que promoveu o letramento corporal, gestual, oral, sonoro e

visual. E mais, evidenciou-se a relação dos letramentos e sua conexão com os multiletramentos, pois como ressalta Rojo (2022, p. 21):

E como ficam nisso tudo os letramentos? Tornam-se multiletramentos: são necessárias novas ferramentas — além das da escrita manual (papel, pena, lápis, caneta, giz e lousa) e impressa (tipografia, imprensa) — de áudio, vídeo, tratamento da imagem, edição e diagramação. São requeridas novas práticas: (a) de produção, nessas e em outras, cada vez mais novas, ferramentas; (b) de análise crítica como receptor. São necessários novos e multiletramentos.

Desse modo, buscamos respeitar o contexto do Centro de Educação Infantil tido como espaço de pesquisa para esse estudo, a fim de trabalhar o conceito de multiletramentos por meio da interdisciplinaridade entre múltiplas linguagens (modos semióticos) como estratégia para mediar a apresentação de uma narrativa voltada para o público infantil.

Em vista disso, a contação da história integrou diferentes modos semióticos: a linguagem verbal, proporcionada mediante a leitura do livro físico dos “*Drufs*”; a linguagem visual, expressada por meio da projeção de imagens dos personagens utilizando a iluminação com lanternas de celulares e silhuetas; a linguagem gestual, manifestada mediante os movimentos das sombras projetadas; e a linguagem sonora, trabalhada por meio dos sons e trilhas sonoras que complementaram a encenação.

Com o apoio dessa mediação multiletrada, construímos coletivamente com as crianças e seus responsáveis/familiares uma reflexão sobre a diversidade familiar presente na sociedade em busca de romper uma concepção tradicional de família.

Isto posto, agora que compreendemos o significado de “alfabetizar” na Educação Infantil e sua relação com os letramentos e multiletramentos, surge uma questão: como a participação das famílias contribui com o processo de alfabetização das crianças?

De acordo com Emilia Ferreiro (2018), no cenário escolar, o processo de aquisição da língua escrita atravessa quatro níveis: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. O estímulo para que as crianças progridam nessas etapas deve ser uma construção compartilhada entre a escola e a família. Contudo, em um país permeado por desigualdades sociais, raciais e entre os gêneros, muitos familiares convivem com a realidade da escolaridade incompleta. Em consideração a tamanha exclusão educacional, Ferreiro (2018, p. 98-99), apresenta como uma possível estratégia para transformar essa realidade que:

A pré-escola deveria permitir a todas as crianças a liberdade de experimentar os sinais escritos, num ambiente rico em escritas diversas, ou seja: escutar alguém lendo em voz alta e ver os adultos escrevendo; tentar escrever (sem estar necessariamente copiando um modelo);¹ tentar ler utilizando dados contextuais, assim como reconhecendo semelhanças e diferenças nas séries

de letras; brincar com a linguagem para descobrir semelhanças e diferenças sonoras.

Apesar deste contexto, é fundamental reconhecer que a família é uma instituição social importante no processo de alfabetização. Asseguradas em um seio familiar afetivo, carinhoso e presente, as crianças sentem-se autônomas e seguras. Segundo Sousa e Filho (2008, p. 3):

Muitos especialistas no assunto acreditam que o afeto encontrado no seio familiar pode ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar, influenciando a velocidade com que se constrói o conhecimento, ou seja, quando a criança se sente mais segura, aprende com mais facilidade.

Sobre essa relação entre segurança e aprendizado das crianças, pudemos observá-la durante as interações ocorridas na apresentação do teatro de sombras e na construção da colcha de retalhos. Durante esses momentos, pudemos constatar como o vínculo de amor, afetividade e confiança entre as crianças e seus familiares ficou evidente; e como as crianças tiveram mais segurança para atuar com mais desenvoltura e autonomia.

Por essa prática pedagógica ter sido realizada no evento referente ao Dia da Família, o desenvolvimento da mediação voltou-se para esse tema. Ao refletir criticamente sobre o fato dos participantes (crianças e adultos) retratarem suas famílias com os membros de mãos dadas, expressões felizes e diversos corações; a colcha de retalhos nos permitiu concluir que o amor e a união são alguns dos aspectos centrais na percepção que as crianças têm de suas famílias. Dessa maneira concordamos com Sousa e Filho (2008) quando argumentam:

Ao pensarmos nos alunos como filhos e cidadãos, veremos que é impossível colocar à parte escola, família e sociedade, pois a tarefa de ensinar não compete apenas ao professor, até mesmo porque o aluno não aprende apenas na escola, entre outras coisas, ele aprende também através da família, dos amigos, das pessoas consideradas significativas, dos meios de comunicação, do cotidiano. Por isso, é preciso que professores, família e comunidade tenham claro que a escola, por sua complexidade, precisa contar com o envolvimento de todos (Sousa; Filho, 2008, p.7).

Por fim, essa pesquisa “[...] possibilita o encontro com o sensível, com a emoção, inerentes à constituição humana” (Oliveira, 2022, p. 2), permite compreender o papel da família, além do processo de alfabetização, mas também no crescimento saudável das crianças. Afinal, as lembranças construídas por meio dessas “[...] histórias de vida tecidas em retalhos, se revestem em convite para a imersão no imaginário, na criatividade e no resgate das memórias afetivas” (Oliveira, 2022, p. 2).

REFLEXÕES A PARTIR DAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS COM TEATRO DE SOMBRAS E COLCHA DE RETALHOS

A proposta da prática pedagógica do projeto Ocupa Ateliê teve um impacto positivo ao evidenciar a participação das famílias e sua contribuição no processo de alfabetização das crianças na Educação Infantil. É importante salientar que a responsabilidade pela construção do desenvolvimento da alfabetização é da escola e do educador, uma vez que, muitas vezes, os familiares não são alfabetizados ou não possuem conhecimento suficiente para acompanhar adequadamente esse processo. Durante o desenvolvimento da atividade, foi possível observar o envolvimento ativo e afetivo das famílias na confecção coletiva da colcha de retalhos, o que proporcionou um ambiente acolhedor e estimulante para a aprendizagem.

Durante a realização da atividade, as crianças demonstraram bastante entusiasmo desde o momento do teatro de sombras com a história *Drufs*, de Eva Furnari. Essa experiência despertou curiosidade, emoções e estimulou a imaginação, provocando encantamento. Foi possível observar o engajamento tanto das crianças, quanto das famílias presentes, que se sentaram às mesas ou no chão para a produção da colcha de retalhos, demonstrando maior disposição para se expressarem e interagirem afetivamente, integrando-se à percepção do letramento que valoriza os múltiplos repertórios culturais, conforme defendido por Rojo (2012).

As propostas realizadas dialogam com os multiletramentos, pois envolvem a integração de múltiplas linguagens, como a visual, oral, corporal, escrita e artística. A contação de histórias, realizada por meio do teatro de sombras, possibilitou uma imersão sensorial na vivência narrativa. Para Rojo (2012), é fundamental que a escola abrace práticas que vão além do tradicional, promovam o diálogo com os letamentos multimodais e integrem as múltiplas linguagens presentes no cotidiano.

Lembramos que o processo de alfabetização vai muito além da simples decodificação da escrita, como afirma Soares (2020). Então, é essencial que as crianças participem ativamente das atividades e desenvolvam a escrita a partir de múltiplas abordagens que contribuem para o desenvolvimento de sua linguagem. E sobretudo, precisamos considerar o contexto social em que as crianças vivem para que possamos oportunizar experiências com sentido e significado e elas possam aprender com prazer.

Diante disso, destacamos a produção da colcha de retalhos, na qual as crianças utilizaram diferentes expressões artísticas, como os desenhos e pinturas, que desempenham um papel essencial no desenvolvimento das habilidades linguísticas e na construção de sentido. Foi possível observar também registros escritos em níveis iniciais, predominantemente pré-silábicos, o que é natural na Educação Infantil, na qual se dá o início

do processo de construção da escrita. Esse processo começa com o reconhecimento das letras do próprio nome, marcando o início da alfabetização. O que pudemos observar por meio da atividade da colcha artística, na qual as crianças já conseguiam diferenciar letras de números, reconhecer as letras de seus nomes e demonstraram interesse pela escrita de forma espontânea.

A colcha construída coletivamente entre as crianças e suas famílias tornou-se um espaço de múltiplas expressões de linguagem, no qual desenhos e escritos representaram suas histórias de vida e relações afetivas. O que constata o que Soares (2009, apud Barboza; Silva; Coutinho, 2025, p. 1147) nos orienta sobre a relevância de “[...] dar continuidade aos processos de alfabetização e letramento que as crianças já vivenciam em suas casas, antes mesmo, às vezes, de chegar às instituições de Educação Infantil”. Assim, observamos o que elas já sabem, para refletir o que podemos apresentar de contextos/atividades para ajudá-las a desenvolver o que ainda não sabem.

De igual maneira, reconhecemos a importância da estrutura familiar durante o processo de aprendizagem, pois é nesse espaço que as crianças têm o primeiro contato com a linguagem; e criam um ambiente afetivo que favorece significativamente o pertencimento, a segurança e confiança para realizar suas ações. Um aspecto fundamental no processo da alfabetização, uma vez que estimula as crianças a se expressarem melhor e com mais criatividade, por meio das interações cotidianas defendido por Ferreiro (2011) e Soares (2020).

Enfim, ressaltamos que a experiência através da mediação que realizamos na oficina, contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento da nossa formação e identidade docente, não só como bolsistas, mas como futuras professoras. Ao vivenciarmos o diálogo com os multiletramentos e resgatarmos memórias afetivas na prática, pudemos trabalhar diferentes linguagens fundamentais para o processo de alfabetização, bem como valorizar os saberes familiares. Ademais, apreendemos que esse processo reforçou o compromisso com a aproximação entre escola e comunidade, promovendo uma educação mais sensível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o estudo desenvolvido, evidenciamos a relevância da participação da família no processo de alfabetização das crianças, especialmente na Educação Infantil. A prática pedagógica analisada, desenvolvida durante o evento Dia da Família, mostrou que o envolvimento dos responsáveis amplia o interesse das crianças pela leitura e escrita, favorece

a construção de sentidos e desenvolve a autonomia. As atividades, como o teatro de sombras e a colcha de retalhos, integraram múltiplas linguagens e valorizaram as experiências culturais e afetivas das famílias.

Observamos que os resultados demonstraram que as práticas pedagógicas precisam reconhecer o contexto sociocultural das crianças e promover a participação ativa da comunidade escolar. Apreendemos que a presença das famílias no espaço educativo mostrou-se um elemento que amplia o alcance da alfabetização, tornando-a um processo mais significativo, contextualizado e humanizado.

Além disso, a experiência nos proporcionou, como bolsistas do PIBID, um aprofundamento teórico e prático sobre o papel da escola como mediadora das relações entre saberes acadêmicos e vivências familiares. Essa aproximação contribuiu para a nossa formação docente, com estímulos de uma postura crítica, reflexiva e comprometida com a qualidade da educação pública.

Concluímos que o fortalecimento da parceria entre escola e família é essencial para o avanço do processo de alfabetização. Quando ambos os espaços se reconhecem como corresponsáveis pela formação das crianças, a aprendizagem torna-se mais efetiva e o ambiente escolar se transforma em um espaço de acolhimento, diálogo e construção coletiva do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Nilton Anderson Santos; SILVA, Jéssica de Andrade; COUTINHO, Diógenes José Gusmão. Letramento e alfabetização na educação infantil: o papel do pedagogo no processo de ensino-aprendizagem. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE**. São Paulo, v. 11, n. 4, p. 1142-1154, abr. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v11i4.18652>. Acesso em: 20 out. 2025.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **História do Menino Que Lia o Mundo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 out. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 20 out. 2025.

CAPES. Portaria nº 90, de 25 de Março de 2024. Dispõe sobre o regulamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, p. 33-36, 26 mar. 2024.

FÁVERO, Altair Alberto; Doro, Marcelo José. Declínio da experiência e os desafios educacionais: uma abordagem a partir de Walter Benjamin. **Conjectura: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 23, n. 3, p. 459-476, 2018. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/conjectura/v23n3/2178-4612-conjectura-23-3-459.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FURNARI, Eva. **Drufs**. 1. ed. São Paulo: Moderna Literatura, 2016.

MALAGUZZI, Loris. In: EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Lella, FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**. Bahia, v. 17, n. 48, p. 60–77, out./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/9010/6134>. Acesso em: 20 out. 2025.

OLIVEIRA, Genira Fonseca de. Projeto “Fazendo Arte”: histórias de vida tecidas em retalhos. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, [S. l.], v. 3, p. 1-8, 2022. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/repi/article/view/7362/3707>. Acesso: em 20 out. 2025.

OLIVEIRA, Thamiris Nascimento de et al. Interações e estratégias de leitura e escrita: um olhar de pibidianas. In: **Anais do XV Fórum Internacional de Pedagogia (XV FIPED)**. Serra Talhada (PE): AESET, 2025. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xv-forum-internacional-de-pedagogia-xv-fiped-502395/1118999-INTERACOES-E-ESTRATEGIAS-DE-LEITURA-E-ESCRITA--UM-OLHAR-DE-PIBIDIANAS>. Acesso em: 20 out. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Projeto Ateliê**: uma tessitura protagonizada pela triangulação família, escola e criança. 1. ed. Fortaleza: Secretaria Municipal da Educação de Fortaleza, 2020.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

SOUZA, Ana Paula de; FILHO, Mário José. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. **Revista Iberoamericana de Educación**, n.º 44/7, 2008. Disponível em: https://rioei.org/historico/44_7.htm. Acesso em: 20 out. 2025.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 264 p. (Estratégias de Ensino; 29).

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.